

Modos de Procedimentos Teóricos e Analíticos nas Pesquisas em Análise do Discurso da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade do Porto (UP)

(Modes procedures theoretical and analytical research on discourse analysis of University of São Paulo (USP) and the University of Porto (UP))

Lucas do Nascimento

¹Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Educação – Universidade de São Paulo (USP)

lucasnascimento@usp.br

Abstract: This article compares the results of academic research in discourse analysis conducted at the University of São Paulo (USP) and the University of Porto (UP). The selected corpus are two scholarly articles from USP and two dissertations of UP, who theoretically belong to the area discourse analysis (AD). The comparison takes into account postulates Pêcheux (1990 [1983]) on theoretical and analytical procedure as well as three aspects of doing science as epistemology and history of science (KUHN, 1978; SWIGGERS, 2004): (i.) specific scientific tradition, (ii.) ownership innovative, and (iii.) meta-terminology. The results indicate that the two surveys are affiliated with USP founder of French AD, with other French theorists and Brazilian area, and two surveys of UP are affiliated to authors linked to grammar, pragmatic, ideology and publicity, but if say the text inserted in linguistics/discourse analysis.

Keywords: Academic research, French discourse analysis, theoretical and analytical procedures.

Resumo: Este artigo compara resultados de pesquisas acadêmicas em análise do discurso realizadas na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade do Porto (UP). O *corpus* selecionado são dois artigos acadêmicos da USP e duas dissertações de mestrado da UP, que se filiam teoricamente à área da análise do discurso (AD). A comparação leva em consideração postulados de Michel Pêcheux (1990 [1983]) sobre procedimento teórico e analítico, assim como três aspectos do fazer científico, conforme a epistemologia e a história da ciência (KUHN, 1978; SWIGGERS, 2004): (i.) tradição científica específica; (ii.) apropriação inovadora; e (iii.) meta-terminologia. Os resultados indicam que as duas pesquisas da USP se filiam ao fundador francês da AD, com outros teóricos franceses e brasileiros da área, e as duas pesquisas da UP se filiam a autores vinculados à gramática, à pragmática, à ideologia e à publicidade, mas se dizem inseridas na linguística do texto/análise do discurso.

Palavras-chave: Pesquisa acadêmica; análise do discurso francesa; procedimentos teóricos e analíticos.

Introdução

Na ocasião do simpósio proposto no 60º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, em julho de 2012, “Análise do discurso, mídia e formação de professores: reflexões sobre objeto, teoria e aula de português”,¹ tivemos por objetivo apresentar aos pesquisadores em linguística participantes do evento a pesquisa em projeto²

1 Simpósio composto por Valdir Heitor Barzotto (coordenador), Adriana Santos Batista, Enio Sugiyama Júnior, Janaina Michele de Oliveira Silva e Lucas do Nascimento.

2 Projeto de pesquisa de cooperação acadêmica e científica internacional com financiamento pela CNPq/USP (Projeto Processo nº 63IT41G0), entre a Universidade de São Paulo e a Universidade do Porto, intitulado *Estudos discursivos sobre mídia na USP e na UP: implicações teóricas e práticas*, que busca

desenvolvida em parceria com a Universidade do Porto, coordenado pelo Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto, da Universidade de São Paulo (USP) e pela Prof^a. Dra. Maria Alexandra Guedes Pinto, da Universidade do Porto (UP), em Portugal. As apresentações tiveram como foco, predominantemente, discussões sobre variações teóricas nos estudos discursivos sobre mídia; o modo como a teoria anunciada é mobilizada para se analisar diferentes corpora midiáticos; e as implicações das análises efetuadas para o ensino de escrita.

Na ocasião, Nascimento (2012) apresentou a comunicação intitulada “O objeto midiático e o discurso acadêmico da AD sobre o ensino de Português”, cujas discussões se centralizaram em dados de dois artigos acadêmicos, cujos autores são filiados à USP, corpus coletado na Revista do GEL e na Revista Estudos Linguísticos (publicações do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo). Naquele momento realizamos levantamento de dados para analisar a correlação em teoria, objeto e análise, para identificar modos metodológicos de procedimentos teóricos e analíticos no interior da área da Análise do Discurso.

O objetivo no simpósio “Análise do Discurso, mídia e ensino de Língua Portuguesa: interferências do objeto e do endereçamento da análise sobre a teoria”,³ proposto ao *61º Seminário do GEL*, ocorrido de 10 a 12 de julho de 2013. Nascimento (2013) compara resultados desses modos com dados da produção acadêmica de dissertações da área de Análise do Discurso (AD) produzidas na Universidade do Porto, independentemente das referências teóricas em que ela se sustenta. Investigamos modos de pesquisa em AD, cujo foco é: (i.) a escolha dos modelos teóricos em um determinado momento; e (ii.) o fazer epistemológico em relação à apropriação do *corpus* linguístico, à de conjunto terminológico específico e à de campo científico, tendo em vista a produção de conhecimento, ou não, existente nas pesquisas atuais.

Relação com a pesquisa: teoria, objeto e análise

A pesquisa exige produção de conhecimento no interior de dada área, ou mesmo em campo amplo, com escrita qualitativa que tenha condição de provar raciocínio fundamentado em sólida argumentação. Para isso, o pesquisador é responsável pela sua relação com a pesquisa, lugar de onde o legitima operar teoria e análise endereçadas ao objeto de estudo e à manipulação com o objeto empírico. Essa imagem de pesquisador calcada na responsabilidade de sua posição, permite esclarecer o leitor de qual ciência atualmente dizemos. Portanto, entendemos ciência como a natureza de empreender pesquisa, que, por sua vez, oferece formação àquele que envida esforços para tal investimento. Não estamos com a esteira de que textos científicos implicam no entendimento de que “o conteúdo da ciência é exemplificado de maneira ímpar pelas observações, leis e teorias descritas em suas páginas” (KUHN, 1978, p. 20).

Com esse entendimento, a proposta de trabalho interroga: O objeto de análise e o campo ao qual se endereça uma pesquisa, implicam mudanças ou transformações na teoria de base? Essa pergunta específica corrobora investigações de outros integrantes do

estabelecer uma comparação entre as produções brasileiras e portuguesas que tomam a Análise do Discurso como aporte teórico. Em desenvolvimento desde 2011.

3 Simpósio composto por Valdir Heitor Barzotto (coordenador), Adriana Santos Batista, Lucas do Nascimento e Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro.

projeto, que tem como questão central: *O que estamos fazendo nós analistas de discurso quando escrevemos?* Em tempos de intensificação da produção acadêmica, sentimos a necessidade de, internamente à universidade, realizarmos permanentemente uma espécie de metapesquisa a fim de estabelecer estudos teóricos sobre a correlação entre objeto e teoria, sobre os motivos pelos quais as pesquisas estão sendo desenvolvidas e o que estamos fazendo quando escrevemos. Parece-nos fundamental verificar em que medida as pesquisas influenciam em um processo contínuo de autotransformação. O levantamento de questões sobre esse problema, pode contribuir para se evitar que os artigos, as dissertações e teses limitem-se à aplicação de uma teoria sobre um objeto, sem que as especificidades de ambos sejam consideradas e tensionadas.

Nesse sentido, é importante atentarmos para o fato de que faltam ainda pesquisas que analisem como a escolha por uma determinada teoria, influencia na constituição de um objeto de pesquisa ou vice-versa. Kuhn (1978) aborda como a ciência se constitui pela submissão dos pesquisadores aos paradigmas das comunidades científicas nas quais se inserem. Assim, as comunidades científicas se constituem pela adoção de uma teoria em comum, e pela utilização de instrumentos e métodos de análise próprios e adequados ao paradigma teórico escolhido.

Em pesquisas como a proposta por Kuhn (1978) o foco não é a constituição do objeto, mas a constituição de um paradigma. Em proposta diferente, Bachelard (1996) detém-se sobre a constituição de um objeto de pesquisa, e sua importância para que uma investigação científica se realize. Segundo este autor, um objeto de pesquisa é construído no decorrer da realização de uma investigação e na formulação de uma pergunta de pesquisa. Para chegar a essa formulação, o filósofo partiu da diferenciação entre a experiência empírica e o conhecimento científico. O conhecimento científico é algo construído, que contradiz a experiência comum e que se constitui com base no erro; diferentemente da experiência comum, que é tautológica e que desconsidera o erro e sua retificação.

A atividade científica, para o autor, é vista como um processo de transformar as percepções empíricas, as opiniões, em um fazer científico. Apesar de tratar da transformação empírica num fazer científico, este autor não aborda o papel da teoria e do saber científico para tanto, focando-se mais na constituição do objeto de pesquisa de maneira desatrelada da teoria.

A seguir, apontaremos considerações sobre procedimentos teóricos.

Procedimentos teóricos

Se na ciência normal “o resultado tem sido um conceito de ciência com implicações profundas no que diz respeito à sua natureza e desenvolvimento” (KUHN, 1978, p. 20), precisamos perguntar: *quais modos teóricos do fazer científico têm sido proeminentes para a realização de pesquisas acadêmicas em análise do discurso?*

Consideramos procedimento teórico, a ação do pesquisador que inscreve a seleção de conceitos necessários ao estudo, recolhidos para mostrar com qual conjunto terminológico ele autorizará sua relação com o objeto empírico e com o objeto de pesquisa, calcado em objetivos, problema, questão, e hipótese, detalhados. Isso requer do sujeito da pesquisa o trabalho de pensar e selecionar o referencial teórico assumido para a composição do

conjunto terminológico, visto como ferramenta. Com esse procedimento realizado, o que se tem é a teoria que sustentará o procedimento analítico.

Para a escolha dos modelos teóricos em um determinado momento e ao fazer epistemológico em relação à apropriação de conjunto terminológico específico e à apropriação de campo científico, consideramos os seguintes modos de procedimento teórico:

- (1) Autorizar a produção precedente – utilização de citação direta e de paráfrase, por exemplo, conforme a tradição científica específica, quando utilizada a paráfrase como uma das regras de formação de condições teóricas do conceito, no regime de aplicação, alienando-se à perspectiva do autor receptor da teoria ou do autor de fundação teórica, e, sobretudo, do conceito escolhido para o procedimento analítico;
- (2) Desautorizar a produção precedente (a tradição da área) – utilização de paráfrase e de reformulação, entre outras;
- (3) Declarar a apropriação terminológica – utilização de reformulação e de formulação, conforme:
 - (i) *apropriação inovadora*, quando um conceito é utilizado criativamente, tendo influência pelo menos numa *condição de formação* (a geração de proposições verdadeiras e científicas em torno duma nomeação); ou,
 - (ii) *apropriação metaterminológica*, isto é, a reconfiguração do conceito embebida pela metalinguagem (diversas articulações com relações lexicais (vocabulário de descrição) e sintáticas (de acordo com determinado sistema)), tendo influência pelo menos a uma *condição de transformação* (as relações de sinonímia e paráfrase, antonímia e contradição, hiponímia e consequência (acarretamento), ambiguidade/polissemia e duplicidade de sentido, repetição, analogia, equívoco, posto, subentendido e pressuposto). A metalinguagem é entendida no sentido de a terminologia e o vocabulário tomados em relação a seu campo de aplicabilidade e a seu funcionamento sintático, e que são empregados no estudo de um campo de objetos específicos, por um autor, uma escola, uma disciplina, etc. (SWIGGERS, 2010).

Observamos que *as condições de formação e as condições de transformação* funcionam por dois princípios fundamentais, um no campo da frase (estrutura gramatical, materialidade linguística) e outro no campo da enunciação, para qual o tratamento conceitual transgride o espaço frasal, localizando-se no espaço do discurso, portanto, na materialidade histórica com pontos de sentido interpretáveis. Neste segundo campo, residem a ambiguidade como equívoco, a paráfrase como repetição e/ou alienação, o lapso e o equívoco como provas de afirmação outra, a falha como prejuízo da unidade e consistência, a unidade como regularidade, a dispersão como falta (de progressão temática, por exemplo), dentre outros fenômenos. Dessa forma, o duplo sistema de condições e seus princípios fundamentais sustentam a eficiência, ou ineficiência, da relação do procedimento analítico com o procedimento teórico. Isto é, o tratamento conceitual na mobilização analítica e a mobilização analítica de acordo com as proposições teóricas acerca da formulação conceitual fundadora ou receptora, ou da progressão conceitual em relação ao percurso histórico em sua ciência.

A seguir, apontaremos considerações sobre procedimentos analíticos.

Procedimentos analíticos

Para a identificação de modos de procedimentos analíticos terão de ser observadas as variações do conceito e seus empregos, para que seja possível compreender quais acepções e usos têm sido atualmente aceitos pela comunidade acadêmica. Partindo do pressuposto de que, no interior do que se denominam estudos discursivos, há um leque bastante amplo de teorias (análise do discurso de linha francesa, análise do discurso crítica, análise dialógica do discurso, etc.), faz-se necessário lidar com perspectivas que permitam discutir não somente, sobreposições de paradigmas, mas suas inter-relações, alterações de conceitos e métodos de análise, entre outros aspectos.

Para a continuidade de apontamentos teóricos postulados por Pêcheux (1990 [1983]), sobre o procedimento analítico, ao se fazer análise do discurso alguns pressupostos da historiografia linguística podem se mostrar relevantes para essa discussão, como, por exemplo, as discussões de Swiggers (2004) sobre as possibilidades de se observarem mudanças no interior de uma linha teórica. Para a comparação esperada, verificaremos se o objeto e o campo ao qual a pesquisa se endereça introduz mudanças na teoria por procedimentos teóricos e analíticos realizados.

O autor apresenta um modelo de historiografia composto por quatro dimensões relacionadas a aspectos da pesquisa linguística. Tal modelo é descrito por analogia à construção de paredes com várias camadas, ou capas, numa disposição em que todas se complementam, sendo possível que se façam mudanças em apenas algumas e não em outras. As “capas” necessárias para a constituição das correntes linguísticas seriam: teórica, que diz respeito à visão gramatical e linguística; técnica, que engloba as técnicas de análise; documental, cuja especificidade diz respeito à delimitação de fontes; e contextual ou institucional, que se relaciona ao contexto de inserção. Nesta pesquisa nomeamos tal prática de endereçamento. A teorização de Swiggers apresenta-se como uma alternativa ao trabalho com paradigmas apresentado por Kuhn.

Com relação à capa que engloba as técnicas de análise, o pesquisador tratará com dados de maneira a entendê-los como fatos da linguagem, inscritos com sentidos em memória(s), cuja materialidade comporta espessura semântica. Ao se analisar os dados do *corpus* selecionado, explicitam-se regularidades pela referência ao elemento que ganha sentido, ou dispersões pela referência, ou não, que também constrói jogo de sentidos. A análise depende do modo de seleção e organização do *corpus*, da sua natureza material, da sua pergunta de pesquisa, do conjunto terminológico que se compôs para referenciar a teoria. A análise, portanto, demonstra a capacidade analítica do pesquisador e a capacidade da sua escrita, que precisa revelar qualidade de leitura, reflexão e (dis)concordância com os dados, e o trabalho com os limites de leitura e, por sua vez, de interpretação. Com isso, os procedimentos analíticos considerados são:

- (1) Mobilização analítica com aplicação do conceito pela utilização do hiperônimo;
- (2) Mobilização analítica com informações conteudistas do conceito pela utilização do hipônimo;
- (3) Mobilização analítica com recurso de paráfrase do conceito;
- (4) Mobilização analítica sem informações conteudistas do conceito, apenas operação descritiva.

Ao apontarmos os procedimentos analíticos em relação ao discurso, ao texto e à gramática, isto é, em seus aspectos linguístico-discursivos, estamos considerando a *leitura-triturada* ou a *leitura-esmagamento* das materialidades escritas, nomeada por Pêcheux (1981). O que se quer dizer em relação a proceder analiticamente é que, o movimento de análise compreende a leitura do *corpus* como operação de um corte, uma remoção e aproximação de interpretação bem particular. Esse movimento inscreve a técnica de análise assumida, e permite diferenciar uma posição de pesquisador a outra. O que mostra a análise como um estado de leitura, como trituração de linguagem, como processo de escuta e de intervenção.

Metodologia e organização do *corpus*

Numa missão de estudo, na UP, por Adriana Santos Batista, de 4 a 15 de fevereiro de 2013, realizou-se o levantamento dos estudos que tomaram a mídia como objeto no domínio da Análise do Discurso, no período de 1990 a 2012, em Portugal, com o intuito de coletar textos acadêmicos para o banco de dados do projeto.

Para as discussões de Nascimento⁴ (2013), foram selecionadas duas dissertações defendidas em 1996, realizadas no programa de pós-graduação em Linguística Portuguesa Descritiva da Universidade do Porto. A partir desse material, buscamos realizar, por um lado, uma metanálise e, por outro, uma abordagem discursiva, com base, predominantemente em pressupostos de Pêcheux (1981, 1990). Além das referências próprias aos estudos discursivos, consideramos as discussões de Swiggers (2004), cujo foco são os deslocamentos teóricos perceptíveis no interior de uma dada área, e a concepção de paradigma indiciário de Ginzburg (1990), que consiste na observação de dados priorizando-se características tidas como periféricas. Por fim, elaboraremos a comparação de dados da produção da UP com dados de dois artigos acadêmicos da Universidade de São Paulo, publicados em revistas de circulação na área de Letras e Linguística, tendo em vista resultados apresentados anteriormente (NASCIMENTO, 2012).

O que se pretende analisar diz respeito, principalmente, aos diferentes modos de procedimento teórico e analítico em relação à apropriação dos conceitos para a seção do referencial teórico, e a apropriação para a mobilização analítica na seção dos resultados e discussão. Dito de outra maneira, as implicações das especificidades teóricas sobre as análises dos dados serão analisadas, ou seja, em que medida o aparato teórico mobilizado determina o exame dos *corpora*, e como a própria teoria se modifica em função destes.

Qual é a contribuição de cada pesquisa e como se relaciona com seu objeto e seu campo? Essa pergunta nos questiona em relação à necessidade de agirmos contra uma constatação antiga: as pesquisas realizadas limitam-se, normalmente, às atividades isoladas circunscritas àquelas de orientação e produção de artigos, dissertações e teses que, por sua vez, são pouco lidas e desafiadas ao aprofundamento. Portanto, ao tomarmos tal produção como *corpus* para análise, estaremos experienciando uma leitura crítica bastante pontual, interrogando sobre suas contribuições para o campo no qual se inscrevem ou ao qual se endereçam.

Abaixo será encontrada a relação dos *corpora*.

4 E para seus estudos de doutoramento iniciados em agosto de 2011: NASCIMENTO, Lucas do. *Análise do Discurso e Ensino: políticas de produção escrita, mídia e saberes do professor de português em formação*. 2015. 317 p. Tese (Doutorado em Linguagem e Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Tabela 1. Relação dos quadros e de suas nomeações em relação ao *corpus* e as sequências discursivas selecionadas

Quadro	
1.	<i>Corpus</i> : Artigos acadêmicos da Universidade de São Paulo
2.	<i>Corpus</i> : Dissertações de mestrado da Universidade do Porto
3.	Sequências discursivas do A1 da USP
4.	Sequências discursivas do A2 da USP
5.	Sequências discursivas da D1 da UP
6.	Sequências discursivas da D2 da UP
7.	Comparação dos procedimentos teóricos e analíticos em pesquisas na Análise do Discurso da USP e UP

Para comparação, elaboramos um quadro geral em que os dados selecionados estão organizados em informações como “revista”, “artigo”, “ano de publicação”, “objeto”, “teoria”. Em outro quadro, os dados selecionados são alocados em colunas sob os seguintes títulos: “dissertação”, “mestrado em”, “publicação”, “objeto”, “teoria”.

Segue abaixo a identificação do *corpus* com apresentação das pesquisas da Universidade de São Paulo selecionadas.

Quadro 1. *Corpus*: Artigos acadêmicos da Universidade de São Paulo

REVISTAS	ARTIGO	ANO DE PUBLICAÇÃO	OBJETO	TEORIA
Revista <i>EL</i>	A1 – Revista <i>EL</i> [V40, N3, pp. 1362-1375]	2011	Filmes	AD – Dubois, Pêcheux, Althusser
Revista <i>GEL</i>	A2 – Revista <i>GEL</i> [V7, N1, pp.156-174]	2010	Fotografia e Cartum	AD – Pêcheux, Bakhtin, Orlandi

Segue abaixo a identificação do *corpus* com apresentação das pesquisas da Universidade do Porto selecionadas.

Quadro 2. *Corpus*: Dissertações de mestrado da Universidade do Porto

DISSER- TAÇÃO	MESTRADO EM	ANO DE PUBLICAÇÃO	OBJETO	TEORIA
D1	Linguística Portuguesa Descritiva	1996	10 Artigos de opinião (tema política) Jornais (março/ abril/1995): Diário de Notícias O Independente Público	Linguística do Texto/Análise do Discurso Fonseca, I, 1994 (Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português, Porto, Porto Editora)
D2	Linguística Portuguesa Descritiva	1996	300 slogans de textos publicitários de 1992 a 1996	Althusser, 1976 (<i>Positions</i> . Paris, Editions Sociales.) Grunig, 1990 (<i>Les Mots de la Publicité : L'architecture du slogan</i> . Paris, Presses du CNRS.)

A organização dos *corpora* conforme a Tabela 1 possibilita às investigações (de 2012 e esta) observar, em especial, modos de seleção teórica e de procedimento de análise, que podem estar inscritos em reformulação conceitual e em outro fazer metodológico, apontando, com isso, para perspectiva de pesquisa meta-terminológica, que causa deslocamentos de proposições fundadoras cunhadas por Michel Pêcheux (1997[1969], 1982, 1990 [1983], 1984) na teoria análise do discurso.

Resultados e discussão

Os dados da pesquisa estão organizados em sequências discursivas (SD), conforme os quadros de 3 a 6.

Quadro 3. Sequências discursivas do A1 da USP

TEORIA	ANÁLISES DOS AUTORES
<p>a) o sujeito inscreve significados eivados de historicidade, tanto na posição de autor quanto na de leitor. (XXX, 2011, p. 1363)</p> <p>b) os sentidos das palavras não são transparentes nem literais em relação aos significantes, embora o sujeito tenha essa ilusão, pois os sentidos não existem em si mesmos, visto que são determinados pelas posições ocupadas no processo sócio-histórico, o palco da (re) produção das palavras no qual o sujeito está intrinsecamente ligado para fazer circular seus dizeres. (XXX, 2011, p. 1364)</p>	<p>Nesse ponto, cabe ressaltar, a palavra <i>barricada</i> dita pelo sujeito-homem remonta aos sentidos sobre a “guerra dos sexos” e faz circular em <i>Repulsa ao Sexo</i> um embate pelos sentidos legitimados que não era falado no cinema das décadas anteriores, sobretudo em Hollywood. (XXX, 2011, p. 1369)</p> <p>A atriz/personagem aqui, de certa forma, ocupa a posição do sujeito-homem, dada a aliança que se faz presente em todo o diálogo entre ambos, instalando efeitos de camaradagem e convivência entre a proprietária do bordel e o freguês. Logo após a chamada de Anais, o diretor Buñuel, num recurso narrativo surrealista (algo comum em sua obra), corta para um plano no quarto e faz referência à personagem que criou Sèverine quando menor, supostamente sua mãe. (XXX, 2011, p. 1371)</p> <p>Tal recurso faz falar os sentidos sobre a vassalagem das gerações anteriores das mulheres com o patriarcalismo, aí representado por Husson, praticamente associando a subserviência da criadora de Sèverine com a postura adotada pela própria cafetina. Esse discurso que retoma a memória sobre o silêncio feminino no tocante à manutenção do patriarcalismo vem, nessa personagem de <i>A Bela da Tarde</i> (e todas as cenas que integram figuras do passado com o presente de Sèverine), repleto de significantes não-verbais bastante expressivos: (XXX, 2011, p. 1371)</p> <p>Os efeitos de sentido sobre a manutenção do lugar de poder masculino também emergem quando Husson, nostalgicamente, enumera indícios sobre como o ambiente do bordel é o mesmo de outrora (as cortinas, o aquecedor, etc.). (XXX, 2011, p. 1372)</p>

Os destaques nas SD da teoria possibilitam identificar os conceitos de *sujeito* e de *sentido* recolhidos para o conjunto terminológico do referencial teórico do artigo acadêmico. Os pesquisadores inscrevem seus procedimentos teóricos em modo que (1) autoriza a produção precedente (a tradição da área), com a utilização de paráfrase.

No conceito de *sentido*, a SD *o palco da (re)produção das palavras no qual o sujeito está intrinsecamente ligado para fazer circular seus dizeres* permite identificar a apropriação meta-terminológica, com a utilização de reformulação por efeito metafórico, ao empregar a palavra “palco”, por exemplo, mesmo utilizando também a paráfrase do autor fundador da teoria ou do autor receptor da teoria, pelo emprego de “(re)produção”, “palavras”, “sujeito”, “intrinsecamente”, “circular”, “dizeres”.

Para as análises dos autores, a presença dos conceitos exemplifica (1) a mobilização analítica com aplicação do conceito pela utilização do hiperônimo. E (4) a mobilização

analítica sem informações conteudistas do conceito, apenas operação descritiva, caso, por exemplo, do parágrafo 2 (atriz/personagem, proprietária do bordel, freguês, diretor Buñuel, Sèverine). Assim, tem-se:

- (01) parágrafo 2: sujeito-homem; sentidos; sentidos.
- (02) parágrafo 3: sujeito-homem.
- (03) parágrafo 4: sentidos; discurso; memória.
- (04) parágrafo 5: efeitos de sentido.

Vejam os dados, a seguir, do segundo artigo selecionado.

Quadro 4. Sequências discursivas do A2 da USP

TEORIA	ANÁLISES DOS AUTORES
<p>a) memória: ???</p> <p>b) sentido:</p> <p>[...] A Análise do Discurso (AD) de origem francesa concebe o discurso como seu objeto científico, entendendo-o como “efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1975). Esse lugar teórico promove uma ruptura com a máxima de que o sentido é apenas um, parafrástico e imóvel, a ser repetido como tal, fazendo aparecer a noção de que o sentido está em jogo, em relação às condições sócio-históricas, isto é, em permanente movimento. (XXX, 2010, p. 158)</p> <p>[...] os sentidos não são fixos e nem imanentes às palavras, mas sim dependentes do contexto sócio-histórico-ideológico. (XXX, 2010, p. 159)</p> <p>[...] sentido de um texto (instância material do discurso), não é uno, mas sim plural, dado às diversas formações discursivas que compõem o repertório do sujeito. (XXX, 2010, p. 161)</p>	<p>Convém ressaltar que a memória da denominação “FEBEM”, nesses trinta anos, ficou tão marcada negativamente que os governantes paulistas do PSDB estrategicamente mudaram o nome da instituição para <i>Fundação Casa</i>, o que não apaga da sigla anterior os sentidos de violência, mas promove um deslizamento de sentidos para casa. Esse significante recorta outra rede de filiação dos sentidos, historiciza outros fios do já-lá e faz circular em sentidos de abrigo seguro, afetivo, moradia, lugar de convivência familiar para esses “menores”. Pelo acesso ao interdiscurso, “casa” distancia-se do que foi a FEBEM, dando a esta instituição uma “nova” memória e apagando trama de significados dados pela violação dos direitos humanos que tantas vezes ali ocorreu. (XXX, 2010, p. 168)</p> <p>Lendo essa mesma fotografia pelo avesso, observamos que o sujeito-fotógrafo capta um olhar amplo sobre o gigantismo do espaço e a pequenez dos internos, apontando-os na cena como menores e diminutos, o que pode instalar sentidos de denúncia de uma assimetria de poderes entre o aparato repressor e a voz dos sujeitos-internos. (XXX, 2010, p. 168)</p> <p>O ângulo sob o qual a fotografia foi feita também reforça e repete o sentido de rebaixamento moral daqueles que são o objeto do clique, já que são retratados de cima para baixo, numa relação subalterna. O fato de estarem parcialmente despidos e agachados, acuados em um canto, regulariza o efeito de repressão e flagelação aos quais estão submetidos os detentos-mirins, silenciando qualquer marca de protesto ou contestação por parte deles, enfim, o total apagamento da voz desses sujeitos. (XXX, 2010, p. 168)</p>

Os destaques nas SD da teoria possibilitam identificar os conceitos de *memória* e de *sentido* recolhidos para o conjunto terminológico do referencial teórico do segundo artigo. Para o primeiro, não há referencial teórico, nem do fundador da teoria francesa nem do receptor francês ou brasileiro. É encontrado o conceito sendo utilizado nas análises. Para o segundo, primeiramente se encontra o conceito de *discurso* nomeado como *objeto científico*, com a utilização de paráfrase e “efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1975), com a utilização de citação direta, e o conceito de *sentido* com a utilização de paráfrase, como caso em (01).

Vejamos que:

- (01) é apenas um, parafrástico e imóvel, a ser repetido como tal; o sentido está em jogo, em relação às condições sócio-históricas. (XXX, 2010, p. 158)
- (02) isto é, em permanente movimento. (XXX, 2010, p. 158)
- (03) [...] *os sentidos não são fixos e nem imanentes às palavras*, mas sim dependentes do contexto sócio-histórico-ideológico. (XXX, 2010, p. 159)
- (04) [...] *sentido de um texto (instância material do discurso)*, não é uno, mas sim plural [...]

No conceito de *sentido*, as SD (02), (03) e (04) diferem da condição de formação da (01). Aquelas permitem identificar a nomeação conceitual por paráfrase após a utilização do recurso de operadores argumentativos de retificação e de adição, respectivamente, “isto é” e “mas sim”.

Com relação ao conceito de *memória*, os pesquisadores inscrevem os procedimentos teóricos em modo que não autoriza a produção precedente, nem mesmo declara apropriação terminológica. Já os conceitos de *discurso* e de *sentido* são inscritos em modo que (1) autoriza a produção precedente (a tradição da área), com a utilização de citação direta e paráfrase.

Os destaques das SD das análises dos autores exemplificam (1) a mobilização analítica com aplicação do conceito pela utilização do hiperônimo, e (3) a mobilização analítica com recurso de paráfrase do conceito. Assim, tem-se:

- (01) parágrafo 1: memória; sentidos; sentidos; sentidos; sentidos; interdiscurso; memória.
- (02) parágrafo 2: sentidos.
- (03) parágrafo 3: sentido.

Além dos dados vistos de artigos acadêmicos de filiação à Universidade de São Paulo, vejamos os dados de pesquisas de mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva da Universidade do Porto, a seguir.

Quadro 5. Sequências discursivas da D1 da UP

TEORIA	ANÁLISES DOS AUTORES
<p>O discurso polémico reveste-se de um carácter maniqueísta, onde se define uma instância que congrega todas as qualidades e todas as virtudes, pertinentes ou não para o fim evocado, e uma outra (o alvo definido) acusada, mais ou menos declaradamente, de simbolizar o oposto. Mesmo que sejam referidos aspectos positivos do alvo, tal facto estará ao serviço de uma estratégia argumentativa que terá sempre por fim a sua desqualificação, assim como a edificação de uma imagem de imparcialidade e justiça para o LOC. Esta imagem é importante porque, para que o LOC possa de alguma forma influenciar o ALOC (ou o destinatário que, como à frente se verá, não coincide necessariamente com o ALOC), este deve estar disposto a conceder alguma dose de crédito àquele e deve estar disposto a, relativamente a uma questão determinada, sofrer a acção do LOC. Por sua vez, este não poderá pretender actuar a partir de uma simples relação de força, mas procurar, recorrendo a argumentos de índole intelectual ou emotiva, ganhar a adesão voluntária do seu público. Essa é tradicionalmente a definição de argumentação: «l'ensemble des procédures discursives visant à l'adhésion du ou des interlocuteurs, du ou des lecteurs» (Portine, 1983 :13). Mas podemos ir um pouco mais longe : «argumenter c'est chercher, par le discours, à amener un auditeur ou un auditoire donné à une certaine action. Il s'ensuit qu'une argumentation est toujours construite pour quelqu'un, au contraire d'une démonstration qui est pour « n'importe qui »» (Grize, 1981 : 30).</p> <p>(XXX, 1996, p. 42)</p>	<p>Do ponto de vista da sua construção argumentativa, o discurso de opinião assume a estrutura do discurso científico, com uma série de premissas seguidas de uma conclusão, ou com afirmações seguidas de ilustrações provatórias, baseando-se igualmente no princípio da evidência, isto é, <i>mostrando</i> ao ALOC a verdade/plausibilidade/verosimilhança daquilo que se afirma. Em alguns casos, este princípio rege toda a macro-estrutura textual, como no Texto 5: o LOC produz uma afirmação forte (EM 1 e 2), cuja verdade será demonstrada ao longo do texto, correspondendo cada um dos três parágrafos à fundamentação de cada tópico evocado na afirmação inicial (o «problema de tempo, (...) de fundamento e (...) de precedente»), terminando com uma conclusão geral, que retoma as afirmações iniciais. Cada um destes segmentos intermédios, por sua vez, sofre tratamento semelhante, com afirmações e respectivas justificações/ilustrações provatórias, até uma conclusão. (XXX, 1996, p. 51)⁵</p>

Os destaques nas SD da teoria possibilitam identificar os conceitos de *discurso polémico* e de *argumentação*, recolhidos para o conjunto terminológico do referencial teórico da dissertação. Para o primeiro, são utilizadas as palavras ou expressões “carácter”, “instância”, “estratégia argumentativa”, “imagem de”, “relação de força”, “argumentos de” e, para o segundo, a citação direta dos autores Portine (1983, p. 13) e Grize (1981, p. 30). Com isso, os procedimentos teóricos inscrevem o modo que (1) autoriza a produção precedente (a tradição da área).

No conceito de *discurso polémico* empregado à página 42, indicia-se como paráfrase da citação direta utilizada em páginas anteriores na dissertação, o que podemos conferir na SD abaixo:

[...] le discours polémique est un discours *disqualifiant*, c'est-à-dire qu'il attaque une *cible* [...] et qu'il met au service de cette visée pragmatique dominante –discréditer

5 Esclarecemos que as passagens da teoria e das análises dos autores foram selecionadas da seção 3. O discurso de opinião como discurso polémico (XXX, 1996, p. 39-58) da dissertação escolhida.

l'adversaire, et le discours qu'il est censé tenir – tout l'arsenal de ses procédés rhétoriques et argumentatifs. (KERBRAT-ORECCHIONI, s/d, p. 12). (XXX, 1996, p. 40-41)

Já no conceito de *argumentação*, a SD *Mas podemos ir um pouco mais longe*: permite identificar que o referencial de Grize (1981, p. 30) está avançado em relação a Portine (1983, p. 13). Esse subentendido fortalece a apropriação terminológica daquele autor, destacando uma maior pertinência na condição de formação do conceito formulado por ele. A SD imprime juízo de valor do pesquisador a respeito dos estudos de Grize (1981), no que diz respeito ao conceito apropriado.

Em consonância aos procedimentos de análise dos autores a presença dos conceitos exemplifica (1) a mobilização analítica com aplicação do conceito pela utilização do hipônimo, em ocorrência “o discurso de opinião assume a estrutura do discurso científico”; (2) a mobilização analítica com informações conteudistas do conceito pela utilização do hipônimo, em ocorrência “construção argumentativa”; e (3) a mobilização analítica com recurso de paráfrase do conceito, em três ocorrências que podem ser consideradas paráfrases de Portine (1983) e de Grize (1981): [1] “com uma série de premissas seguidas de uma conclusão... daquilo que se afirma”, [2] “Em alguns casos... que retoma as afirmações iniciais”, [3] “Cada um destes segmentos intermédios... até uma conclusão”.

Vejamos os dados da segunda pesquisa de mestrado, por fim.

Quadro 6. Sequências discursivas da D2 da UP

TEORIA	ANÁLISES DOS AUTORES
<p>Assim, é a própria linguagem que é objecto de consumo, como afirma Baudrillard (1991:132): “A partir do momento em que a linguagem, em vez de ser veículo de sentido, se carrega de conotações de pertença e se transforma em léxico de grupo, em património de classe ou de casta (...); a partir do momento em que a linguagem, de <i>meio de permuta</i> se transforma em <i>material de troca</i>, para uso interno do grupo ou da classe - enquanto a sua função real, por detrás da mensagem, muda para função de convivência e de reconhecimento; a partir do momento em que, em vez de fazer circular o sentido, começa ela própria a circular como santo-e-senha, no interior do processo de tautologia do grupo (o grupo fala-se a si mesmo), transforma-se em objecto de consumo e em feitiço.”</p> <p>Uma linguagem que consumimos, como vimos, como um código de posicionamento social, e que nos enfeitiça, de várias maneiras, como veremos, apostando sobretudo no estabelecimento de uma comunicação afectiva e subliminar (2) conosco. (XXX, 1996, p. 8)</p>	<p>A este propósito, vejamos o que dizia um slogan que circulou, recentemente, pelas ruas das nossas cidades, numa campanha ao lançamento de um carro:</p> <p>(1) <i>A razão movida pela escolha.</i> (Fiat Bravo)</p> <p>Um slogan paradoxal, pela inversão que pratica de uma espécie de máxima cuja origem já não conseguimos traçar mas que ecoa nas nossas mentes com a fixidez que as lexias complexas exibem: “A escolha movida pela razão”. Esta versão original, eventualmente até oriunda do mundo da publicidade, ganhou a força de máxima pelo suporte “lógico” que lhe assiste: escolher racionalmente é um preceito desejável, recomendável pelo bom-senso que é, no fundo, o que é consensual, o que é aceite e defendido pelo senso-comum. A versão reformulada subverte abertamente este preceito comportamental - veja-se, aliás, que, como teremos oportunidade de comprovar mais adiante (3), a violação à lógica se faz a partir de uma permuta sintáctica muito simples e económica, o que traz dividendos acrescidos ao jogo semântico-sintáctico aqui praticado.</p> <p>(XXX, 1996, p. 8)</p> <p>Esta interessante inversão fala-nos, de forma metacomunicativa, do actual projecto de acção da linguagem publicitária: primeiro, a escolha, conquistados que somos pelas mensagens verbais e visuais dos anúncios - que são, como já dissemos, muito mais do que isto, verdadeiros e poderosos complexos accionais de natureza simbólica - que comunicam conosco a um nível sugestivo e subliminar; só depois, a intervenção da razão, já perfeitamente “movida” pela nossa rendição afectiva, que se operou ainda a um nível pré-lógico, empático da nossa mente. E, por isso: “A razão movida pela escolha”.</p> <p>(XXX, 1996, p. 9)</p>

Os destaques nas SD da teoria identificam o conceito de *linguagem*, escolha para o referencial teórico do pesquisador da segunda dissertação. Primeiramente se encontra a expressão “objecto de consumo”, cuja função é a de nomear *linguagem*. Em seguida, localiza-se a utilização de citação direta (BAUDRILLARD, 1991, p. 132) a fim de nomear também o conceito. Após a citação direta, a SD “*Uma linguagem que consumimos, como vimos, como um código de posicionamento social, e que nos enfeitiça, de várias maneiras, como veremos, apostando, sobretudo, no estabelecimento de uma comunicação afectiva e subliminar (2) conosco.*” (grifos nossos) implica paráfrase do que Baudrillard entende por linguagem. Os três movimentos de inscrição do conceito indiciam o modo de (1) autorizar a produção precedente (a tradição da área).

Com relação às análises, o conceito exemplifica (2) a mobilização analítica com informações conteudistas do conceito pela utilização do hipônimo e (3) a mobilização analítica com recurso de paráfrase do conceito. Os destaques das SD das análises dos autores que identificam os procedimentos analíticos são:

- (1) parágrafo 3: preceito comportamental
- (2) parágrafo 4: metacomunicativa; mensagens verbais e visuais; natureza simbólica; comunicam conosco a um nível sugestivo e subliminar.

Dessa maneira, a comparação das pesquisas pode ser detalhada a seguir.

Quadro 7. Comparação dos procedimentos teóricos e analíticos em pesquisas na análise do discurso da USP e UP

	Procedimentos teóricos	PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS
USP	(1) Autorizar a produção precedente (a tradição da área) – utilização de paráfrase	(1) Mobilização analítica com aplicação do conceito pela utilização do hiperônimo (4) Mobilização analítica sem informações conteudistas do conceito, apenas operação descritiva
	(1) Autorizar a produção precedente (a tradição da área) – utilização de citação direta e de paráfrase	(1) Mobilização analítica com aplicação do conceito pela utilização do hiperônimo (3) Mobilização analítica com recurso de paráfrase do conceito
UP	(1) Autorizar a produção precedente (a tradição da área) – utilização de citação direta e de paráfrase	(1) Mobilização analítica com aplicação do conceito pela utilização do hiperônimo (2) Mobilização analítica com informações conteudistas do conceito pela utilização do hipônimo (3) Mobilização analítica com recurso de paráfrase do conceito
	(1) Autorizar a produção precedente (a tradição da área) – utilização de citação direta e de paráfrase	(2) Mobilização analítica com informações conteudistas do conceito pela utilização do hipônimo (3) Mobilização analítica com recurso de paráfrase do conceito

Considerações finais

Os resultados indiciam que as duas pesquisas da USP se filiam ao fundador francês da análise do discurso, com outros teóricos franceses e brasileiros da área, e as duas pesquisas da UP se filiam a autores vinculados a gramática, a pragmática, a ideologia e a publicidade, mas se dizem inseridas na linguística do texto/análise do discurso. Ambas as pesquisas institucionais convergem a: procedimento teórico com base em autorizar a produção precedente, por meio de citação direta e paráfrase; procedimento analítico consoante aos seguintes modos de mobilização teórica: (1) com aplicação do conceito pela utilização do hiperônimo, e (3) com recurso de paráfrase do conceito, predominantemente; (2) com informações conteudistas do conceito pela utilização do hipônimo, em

duas ocorrências, e (4) sem informações conteudistas do conceito, apenas operação descritiva, em apenas uma ocorrência das sequências discursivas selecionadas.

A nossa pesquisa aponta que para a escrita alcançar cientificidade o que precisa ser feito é estabelecer relações teóricas quando se correlacionar objeto e análise, em que o endereçamento da teoria seja contemplado em exigências do objeto de estudo em relação ao que o objeto empírico permite olhar, ler, compreender, discordar e produzir. Isso é distante do que temos visto como *estamos fazendo quando escrevemos*. Diferente de uma complexa constituição de paradigma, ou constituição de um objeto de pesquisa e sua importância para a realização de pesquisas, a atividade científica tem requerida pela universidade e pelas agências de fomento, nacionais e internacionais, contribuições em que se denote para pesquisa a rigorosidade na relação objeto, teoria e análise. Tem exigido também a escrita humana que a compreenda como traquejo laborativo em zonas de limites não só de leitura como também de interpretação. Esse trabalho poderia ser dito como tarefa não exclusivamente de analistas, como também de pesquisadores que se autorizam cientistas.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A Formação do Espírito Científico*: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARZOTTO, Valdir Heitor. Implicações da escolha do objeto de análise e do campo de interlocução para a teoria. In: SEMINÁRIO DO GEL, 61., 2013, *Programação...* São Paulo: GEL, 2013. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/7buyd2yv0h5krol/progdetsite.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2013.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais – morfologia e história*. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

KUHN, Thomas. *Estrutura das Revoluções Científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1978.

NASCIMENTO, Lucas do. O objeto midiático e o discurso acadêmico da AD sobre o Ensino de Português. In: SEMINÁRIO DO GEL, 60., 2012, *Programação...* São Paulo: GEL, 2012. Disponível em: <<http://gel.org.br/detalheResumo.php?trabalho=8542>>. Acesso em: 6 jul. 2013.

_____. Modos de procedimentos teóricos e analíticos em pesquisas na Análise do Discurso da USP e da UP (Portugal). In: SEMINÁRIO DO GEL, 61., 2013, *Programação...* São Paulo (SP): GEL, 2013. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/7buyd2yv0h5krol/progdetsite.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2013.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) *Por Uma Análise Automática do Discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997 [1969]. p. 61-161.

_____. *Les Vérités de la Palice*. Paris: Maspero, 1975. [*Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995].

_____. L'énoncé: enchâssement, articulation et dé-liaison. In: CONEIN, Bernard et al. (Org.). *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 143-148.

_____. Sur la (dé-)construction des theories linguistiques, DRLAV, n°. 27, 1982, p. 1-24. [Sobre a (des-)construção das teorias lingüísticas. *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, n. 4, p. 35-55, out. 1998].

_____. Discourse: structure or event? In: PÊCHEUX, Michel. *L'inquietude du Discours*. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris: Éditions des Cendres, 1990 [1983]. p. 303-323.

_____. Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours, *Mots*, n. 9, p. 7-17, 1984. [Sobre os contextos epistemológicos da análise do discurso. *Escritos*, n. 4, Campinas: Nudecri, 1999. p. 07-16.]

SWIGGERS, Pierre. Modelos, Métodos y Problemas en la Historiografía de la Lingüística. In: CORRALES ZUMBADO, C.; DORTA LUIS, J. et al. (Ed.). *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística*. Madrid: Arco, 2004. p. 113-146.

_____. Le métalangage de la linguistique: refflexions à propos de la terminologie e de la terminographie linguistiques. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 9-29, 2010.